



ABTCP/GUILHERME BALCONI

“Embora se trate de um processo moroso, a intenção é, no futuro, unir os modais hidroviário, ferroviário e rodoviário”, diz Puccinelli sobre as melhorias logísticas previstas

## MS se fortalece como polo mundial da celulose e atrai novos investidores

Nos últimos anos, o Mato Grosso do Sul (MS) ganhou os holofotes mundiais pelo significativo incremento da produção de celulose branqueada de eucalipto. O Estado – de 357 mil km<sup>2</sup>, 79 municípios e pouco mais de 2,5 milhões de habitantes – chama a atenção da indústria papelreira por sediar duas das maiores fábricas em linha única do mundo: a Fibria e a Eldorado Brasil, cujas capacidades produtivas anuais somam 2,8 milhões de toneladas de celulose.

Instaladas na cidade de Três Lagoas, ambas as empresas já anunciaram interesse em duplicar as respectivas produções, dando início ao planejamento das obras que levarão às segundas plantas fabris.

O potencial da região, porém, não se limita a atrair os grandes players nacionais. Em entrevista à *O Papel* durante o ABTCP 2013, o governador André Puccinelli anunciou que a chilena Arauco só aguarda um posicionamento final da Advocacia-Geral da União (AGU), que restringiu a compra de terras por estrangeiros, para engrenar um projeto no Mato Grosso do Sul. Puccinelli disse ainda que outro grupo estrangeiro está fortemente interessado nos atributos sul-mato-grossenses. Confira, a seguir, todos os méritos e os progressos que vêm fazendo do Estado o Vale da Celulose.

**O Papel** – Nos últimos anos, Três Lagoas se tornou o grande polo nacional de celulose e papel. Como teve início a história do setor na região?

**André Puccinelli** – A região do Estado que inclui os municípios de Três Lagoas, Brasilândia, Selvíria, Santa Rita do Pardo, Água Clara e Ribas do Rio Pardo era exclusivamente voltada à pecuária, com exaustão das terras. Não havia a presença do setor sucroenergético, pelo fato de as terras não serem aptas a esse tipo de produção, e muito menos da

agricultura de alimentos, com exigências ainda maiores quanto ao solo. Percebemos, então, que tínhamos uma grande área de terras (equivalente a 100 mil hectares) que, na época do governo militar, havia sido chamada de “maciço florestal”. Já havia ali uma visão de que as terras eram aptas ao plantio de pinus e eucalipto, pela soma de aspectos favoráveis, como pluviosidade e insolação ideais para um crescimento rápido. Não havia, no entanto, know how e tecnologias disponíveis na época, e as formigas

praticamente dizimaram esse maciço florestal. Permaneceram na região apenas duas ou três empresas nacionais da área de silvicultura, entre as quais a Ramires Reflorestamentos, que foi se aprimorando, juntamente com a Embrapa, em conhecimento florestal. Ao longo desses 40 e poucos anos, a empresa produziu inúmeras variedades de mudas resistentes ao clima, levando a um incremento do maciço florestal. Daí, então, no final da minha gestão como prefeito de Campo Grande, capital do Estado, o senador Ramez Tebet insistiu em levar o então presidente Lula ao nosso Estado, e finalmente conseguimos aliar incentivos fiscais e tributários às peculiaridades positivas das nossas terras. Iniciou-se, assim, a construção da primeira fábrica de celulose da região, a Votorantim Celulose e Papel (VCP). Após a fusão da VCP com a Aracruz, que levou ao surgimento da Fibria, no início de 2010, e a presença da International Paper ao lado, fortaleceu-se o potencial da região para o desenvolvimento da indústria de celulose e papel.

**O Papel** – Os incentivos fiscais e tributários tiveram grande contribuição na atração dos players? Esses incentivos são os mesmos praticados hoje em dia?

**Puccinelli** – Sim, creio que tais incentivos atuaram como grandes atrativos. Por isso, até hoje oferecemos um crédito presumido que chega a 90% do total de ICMS (Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação) que teria de ser pago. Além disso, é importante lembrar que, a fim de minimizar a burocracia, o governo do Estado também dispensa o licenciamento ambiental para plantio de florestas com espécies nativas ou exóticas, que tenham finalidade de fabricar produtos diversos, desde que em uso alternativo do solo com atividade pecuária ou em áreas subutilizadas e degradadas, que estejam fora do Pantanal e das Áreas de Preservação Permanente (APPs). Em resumo, com as condições que oferecemos, o solo, a disponibilidade de terras, a pluviosidade e a localização estratégica, não há Estado mais competitivo do que o Mato Grosso do Sul para a indústria de base florestal.

**O Papel** – Quais progressos o desenvolvimento dessa indústria trouxe não somente para a cidade de Três Lagoas, mas também para o Estado como um todo?

**Puccinelli** – Da instalação da antiga VCP em diante, posso afirmar que o incremento foi maciço. A empresa trouxe benefícios de crescimento desde o período de construção da fábrica, quando cerca de 8 mil empregados diretos trabalhavam na região. A qualificação profissional dessa grande quantidade de servidores também resultou em uma remuneração maior do que a média vista em outras funções existentes na região. Com a diversificação da matriz, as terras também se valorizaram, passando a ter um rendimento maior por hectare em comparação ao da pecuária extensiva. Recentemente, a Eldorado Brasil também inaugurou sua linha de produção em Três Lagoas, trazendo outra série de avanços ao desenvolvimento das cidades de Três Lagoas e Selvíria. Ao vender uma terra, por exemplo, o Imposto sobre a Propriedade Terri-

torial Rural (ITR) é destinado ao município, ou seja, há toda uma circulação de riqueza em curso, empregando um grande número de pessoas e aumentando a média salarial da população. Enfim, a evolução da indústria de celulose e papel certamente ocasionou um desenvolvimento muito grande à região, por meio da capilarização da economia desses municípios e do enorme afluxo de gente.

**O Papel** – A indústria de celulose e papel utiliza diferentes modais para o escoamento de sua produção. Por parte do governo, o que foi feito em termos de logística nesses últimos anos?

**Puccinelli** – Quando o projeto da Eldorado Brasil estava na metade, houve um comprometimento por parte do governo federal de construir ramais ferroviários para completar os 250 km restantes da já existente malha da região. Os otimistas acreditam que em três anos essa malha ferroviária estará pronta; eu acredito que levarão cinco anos, enquanto os pessimistas apostam em oito. A verdade é que a burocracia estatal torna as coisas mais morosas. A nós, do governo do Estado, foi delegada apenas uma parte da execução, que foi concluída há 22 meses. Cabe agora ao Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) instalar os dormentes e os trilhos que ali estão há mais de um mês. Embora se trate de um processo moroso, a intenção é de, no futuro, unir os modais hidroviário, ferroviário e rodoviário. Ao ingressar no governo do Mato Grosso do Sul, uma das primeiras medidas foi o mapeamento do Estado para identificar as melhores maneiras de incrementar a competitividade. Dedicamo-nos a desvendar a vocação do Estado. Fizemos, então, o Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE) para confirmar nossas verdadeiras aptidões e evitar erros posteriores. Somente a partir dessa identificação poderíamos ir em busca de recursos para viabilizar a infraestrutura logística do Estado e o desenvolvimento sustentável. Tudo o que foi proposto será terminado até o final deste meu segundo mandato, em dezembro de 2014.

**O Papel** – A combinação de incentivos públicos, localização estratégica e desenvolvimento da infraestrutura tem atraído mais investidores? Há espaço para receber novos players?

**Puccinelli** – Parodiando os Estados Unidos, que têm o Vale do Silício, temos no Mato Grosso do Sul o Vale da Celulose. Já estamos aguardando a duplicação da Fibria e, recentemente, tivemos a intenção manifestada da Eldorado de também duplicar sua linha de produção. Posso adiantar que, além desses players nacionais, existem empresas estrangeiras demonstrando interesse em se instalar no Estado, como a chilena Arauco, que aguarda apenas a regularização da compra de terras por estrangeiros para consolidar os planos de construir uma fábrica de celulose na região. A segunda empresa estrangeira interessada em construir uma planta em nosso Estado exige sigilo, por questões relacionadas à bolsa de valores, mas posso informar que se trata de uma parceria entre um player chinês e um brasileiro que visa instalar uma fábrica com capacidade para 2 milhões de toneladas anuais na cidade de Ribas do Rio Pardo. ■